

DISCURSO DE RECEPÇÃO

Moacyr Flores

Instituição: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Local: Sede do Instituto, à rua Riachuelo, 1317 - 3º andar, Porto Alegre.

Data: 24 de julho de 2012, às 16 horas.

Recepiendário: Luiz Osvaldo Leite

Dr. Miguel Espírito Santo, MD presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RS.

Demais autoridades componentes da mesa.

Minhas senhoras, meus senhores

Porto Alegre sempre teve intensa e diversificada atividade cultural: salas de cinema, representações teatrais, montagens de óperas, realizações de seminários e de simpósios, apresentações de corais, concertos musicais, lançamento de livros, saraus literários, exposição de artes plásticas. É impossível acompanhar toda a programação cultural que acontece em nossa capital durante uma semana.

Essa rede de relações culturais não é uma pessoa, não é uma instituição civil ou governamental, ela é uma herança partilhada com dificuldades por intelectuais dedicados, que dispõem de um karma, no sentido literal de ação e não de predestinação, de difundir, de organizar e de reproduzir cultura.

Hoje o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul tem o privilégio de receber como sócio um propagador, um incentivador, um continuador de nossa herança cultural: o professor Luiz Osvaldo Leite que se dedica com afinco à pesquisa da História da Filosofia no Rio Grande do Sul.

Luiz Osvaldo Leite nasceu em Porto Alegre, estudou no Colégio Anchieta, ingressou no seminário de Pareci Novo, estudou três anos de filosofia em S. Leopoldo, mais quatro anos de teologia. Estagiou em Volta Redonda e trabalhou em vila de operários, conhecendo dura realidade do povo brasileiro.

Em 1973, questionando sua vocação religiosa, deixou de ser jesuíta, em busca de novos caminhos de educador e de pensador, sem as pressões da instituição religiosa, mas sem esquecer os princípios éticos da fidelidade à fé cristã, da polidez para com seus pares e da tolerância com ideias antagônicas.

Luiz Osvaldo Leite passou a ministrar aulas de Filosofia, de História Geral e de História do Brasil no Colégio Anchieta. Lecionou também no Curso Pré-Vestibular IPV com turmas de 150 a 200 alunos. Graças ao diminuto salário de professor chegou a ministrar 28 turmas por semana!

Quando professor no Colégio Anchieta, conheceu a professora Luísa, ex-religiosa franciscana-bernardina e diretora do Primário do mesmo colégio, com quem casou, confirmando a sorte de que a maior parte dos professores casa com professoras ou com alunas.

Luiz Osvaldo Leite ministrou aulas de História da Filosofia, no Curso de Pedagogia. Prestou concurso para o Curso de Psicologia e, aprovado, lecionou História da Psicologia e Psicologia da Personalidade.

Foi diretor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenou o Conselho de Ética, foi diretor da Editora, vice-reitor e pró-reitor de Extensão da referida Universidade.

Em 1979 esteve na presidência da Fundação do Bem Estar do Menor (FEBEM).

Presidiu a Fundação da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA).

Também é significativa a ação de Luiz Osvaldo Leite como diretor da Divisão de Cultura de Porto Alegre, período em que executou o planejamento e construção do Centro Municipal de Cultura, a cobertura do Auditório Araújo Viana, a construção do teatro de Câmara, a criação do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural (COMPAHC) e a criação do Conselho Municipal do Patrimônio Artístico e Cultural (FUMPAHC).

Por sua atuação dinâmica e competente, Luiz Osvaldo Leite recebeu a Medalha Palestrina e a medalha Cidade de Porto Alegre, o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Destaque em Educação da UNITV e, em 23.11.2011, a Comenda Santa Cecília, dada pela primeira vez, pela Fundação Pablo Komlós, da qual é o atual presidente.

Já relatei algumas das atividades de educador, bem como sua ação no papel de promotor dessa rede cultural que anima Porto Alegre, mantendo viva nossa maior herança que é a cultura.

Devo agora contar como conheci Luiz Osvaldo Leite. Eu lecionava no Colégio Municipal Emílio Meyer e fui chamado ao gabinete do Diretor da Divisão de Cultura, professor Luiz Osvaldo Leite. Naquele tempo eu lecionava em três escolas, com 12 a 14 horas/aulas por dia, e aos sábados, quatro aulas pela manhã e teatro escolar à tarde.

Preparei-me espiritualmente e adentrei no gabinete do Diretor, que estava acompanhado pelo Diretor do Centro Municipal de Cultura, Luis

Antônio de Assis Brasil. Dois caciques da cultura. O quê queriam com um simples índio?

Receberam-me cordialmente e logo me passaram uma carta de alguém que desejava informações sobre a história econômica de Porto Alegre. Ops! Seria um teste? Respondi as perguntas, discutimos dados e esclarecemos dúvidas. No final, para minha surpresa, me convidaram para dirigir o grupo de planejamento da criação do Museu de Porto Alegre, do qual fui o primeiro diretor.

Hoje posso dizer que foi gratificante trabalhar sob as ordens de Luiz Osvaldo Leite, que acima de tudo foi tolerante com esse então funcionário municipal.

Depois, passamos a conviver no Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL), participando das reuniões e publicando na antologia anual desse grupo de intelectuais, fundado por Lothar Francisco Hessel em 1966, e que continua atuante até os dias de hoje, reunindo-se na segunda terça-feira de cada mês.

Tudo que eu disse não basta para conhecer e traçar o perfil do intelectual Luiz Osvaldo Leite, por isso selecionei alguns trechos dos artigos que ele escreveu nas antologias do CIPEL.

Seu sonho é escrever a história da Filosofia no Rio Grande do Sul, tema constante de suas investigações. Esse sonho está se transformando em realidade em cada ensaio que escreve. Na antologia *Integração, artes, letras e história*, organizada pelo irmão Elvo Clemente, em 1995, Luiz Leite estabelece a ligação do pensamento católico na região Platina com o Rio Grande do Sul:

“Depois de indefinições e incertezas no século XIX, o pensamento católico no Rio Grande do Sul, fiel à doutrina de Leão XIII na encíclica *Aeterni Patris* (1879), que pedia o retorno à filosofia escolástica, em seguimento ao ensino dos jesuítas alemães e dos capuchinhos franceses da Sabóia, voltou-se, com total exclusividade, na primeira metade do século XX, à filosofia medieval”[...]“Monsenhor Octavio Nicolas Derisi que, com seus cursos, conferências e publicações aprofunda, solidifica e amplia o tomismo entre nós, em especial no diálogo com o pensamento da nossa época. Derisi oportuniza uma sobrevida ao tomismo em nosso meio, prorrogando-o por um quarto de século”.

Na antologia do CIPEL *Regionalismo sul-rio-grandense*, de 1996, o nosso recipiendário escreve sobre a Filosofia regional, estabelecendo um esboço do que pretende escrever:

“O debate sobre as filosofias nacionais tem levantado questões de grande alcance: existem filosofias nacionais? Quais suas ênfases? Qual sua

relação com a universalidade de filosofia, com o problema da linguagem, com a tradição cultural dos respectivos países, e a estrutura da filosofia? Como se coloca a filosofia nacional com as perspectivas, os sistemas e problemas da filosofia em geral?”

“As respostas a estas formulações estão em curso”.

Meu prezado confrade Luiz, acompanhando teus trabalhos e tuas reflexões, tenho certeza que encontrarás as respostas ao longo do percurso de tuas pesquisas.

Destaco na antologia *RS: Modernidade*, de 2003, do CIPEL, o trecho em que Luiz Leite refere-se ao amigo e mestre Manoelito de Ornellas, reflexão que mais parece um autorretrato:

“Manoelito tinha um dom especial de fazer amigos por sua simpatia e por sua lhaneza de trato. Sempre respeitoso de si e da pessoa dos outros, conquistava amizades e por vezes inimizades, fruto da acrimônia invejosa. Ser vaidoso é virtude e pode ser defeito. Manoelito tinha o porte e a maneira de falar que encantavam e conquistavam corações. Era belo escutá-lo e vê-lo em suas palestras sempre elegante e digno, num grau de humildade e de soberania.”

“Vi e ouvi gente que admirava a pessoa de Manoelito, outro o detestava, pois o ciúme e a inveja não permitiam ver-lhe a bela apresentação e o valor de suas palavras.”

Na antologia do CIPEL de 2006, intitulada *O universo de Quintana e a obra de Vianna Moog*, Leite refere-se ao conteúdo de três pastas com textos de curso de Filosofia, ministrado pelo padre Werner von zu Mühlen, que pertenceu ao acervo daquele escritor. Luiz Osvaldo Leite transcreve o conteúdo da terceira pasta, que permite acompanhar os temas das aulas do padre Werner, fundamentais para sua pesquisa.

Na antologia *A era borgista*, de 2010, Leite aborda o texto do padre Luiz Gonzaga Jaeger, S. J., sobre a morte cristã de Antônio Augusto Borges de Medeiros, tido como positivista e, ao mesmo tempo como “papai” dos jesuítas, pelo apoio e auxílio que sempre concedeu aqueles religiosos. O artigo é ilustrado com a lembrança do falecimento de Borges de Medeiros, tendo no anverso a gravura da Virgem Maria com o Menino no colo, e, no verso o retrato de Borges de Medeiros com a legenda: “Possuía força em dirigir os homens e a sabedoria em obedecer a Deus”.

Luiz Leite conclui seu artigo:

Os textos aqui citados esclarecem aspectos controvertidos da vida de Borges de Medeiros. Sua adesão ao Positivismo e à Maçonaria, como

sua conversão ao Catolicismo recebem luzes até agora envoltas em sombras de conhecimento. Pela convivência pessoal dos autores registrados, testemunhas vivas da história, os depoimentos se revestem da maior credibilidade.

Amigo Luiz, cabe ainda ressaltar que tua louvável e incansável preocupação com a cultura foi um dos fatores que determinaram tua eleição para participar como sócio efetivo desta Casa, onde se preserva e se consulta documentos e livros que fazem parte de nossa herança cultural.

Meu amigo e confrade Luiz Osvaldo Leite, em nome do presidente Miguel Espírito Santo, dos demais confrades, e em meu próprio, seja bem-vindo ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, que é a tua nova Casa cultural.

Muito obrigado